

Reconstruindo a tradição: milénarismo e fronteiras étnicas.

Maria Amélia Schmidt Dickie
Departamento de Antropologia
Universidade Federal de Sta. Catarina

Resumo

No sul do Brasil, no século XIX, um movimento milénarista surgido entre camponeses imigrantes alemães provocou uma veemente oposição dos outros alemães que lá moravam. Este artigo explora os componentes culturais da dissonância entre os insistentes pedidos destes alemães para que a polícia brasileira assumisse uma atitude mais radical, contra o movimento e a avaliação das autoridades policiais brasileiras que o julgaram um exemplo inofensivo de práticas curandeiras revestidas de uma religiosidade popular, típica de camponeses ignorantes.

Palavras-chave: tradição; alemães; milénarismo; *Mucker*.

Abstract

In 19th. century south Brazil, a millenarian movement among peasants immigrated from Germany arose a radical opposition among other German immigrants. This article explores cultural components of the dissonance between the vehement requests of these Germans for a radical police action against the movement group and the evaluation of Brazilian authorities that it was a harmless example of a religion coated healing practice of ignorant peasants.

Keywords: tradition; Germans; millenarism; *Mucker*.

I

No Rio Grande do Sul, do século XIX (1869-1874), um movimento milenarista, que ficou conhecido pelo nome de *Mucker*, congregou famílias luteranas e católicas ao redor das pregações bíblicas de uma mulher e do ministério da cura em que era auxiliada por seu marido. Pregações e curas resultaram na configuração de um milenarismo¹ com conseqüências dramáticas para toda a população local. O número de famílias e adeptos dos *Mucker* era minoritário em relação à totalidade da população que se originara das imigrações de camponeses alemães, quase 50 anos antes (1824). AMADO (1978) calcula que 7% da população total tinha se envolvido, ao menos temporariamente, com o grupo; os registros judiciais do final do movimento mostram 31 sobrenomes diferentes como “adeptos” e estima-se que ao redor de 150 pessoas, incluindo crianças, mulheres e velhos estavam presentes nas últimas resistências armadas dos *Mucker* às investidas do exército brasileiro. Apesar deste número pequeno de participantes, o movimento foi alvo de muita animosidade por parte dos não adeptos, vizinhos e moradores de outras regiões próximas, agricultores, artesãos e comerciantes (que englobarei, daqui para frente no termo: *colonos*) incentivados pela pregação dos jesuítas, dos pastores luteranos e de intelectuais alemães, estes últimos principalmente através da imprensa.²

Os alemães³ contrários aos *Mucker* insistiram por mais de um ano, junto às autoridades brasileiras na Província do Rio Grande do Sul, por uma enérgica repressão policial. Ante o que consideraram inércia e descaso destas autoridades, ameaçaram, a princípio, e depois assumiram “resolver a coisa com as próprias mãos”. Quando a pressão dos intelectuais alemães junto ao Presidente da Província foi suficiente e quando os liberais, opositores do governo pro-

¹ Milênio expressa o tempo intermediário entre o anúncio e a realização do fim dos tempos, no qual são definidos os critérios da salvação e no qual vão sendo construídas as condições de realização do milênio. Milenarismo, portanto, não é a mera formulação doutrinária do milênio, mas o movimento de construção daquelas condições.

² Jesuítas e Pastores luteranos lutavam para recuperar os fiéis para suas religiões. Os intelectuais, racionalistas, travavam uma luta anti-clerical, principalmente contra os jesuítas. Em 1870, tinham três projetos diferenciados e antagônicos (DICKIE, 1996, Parte III).

³ Alemão, neste texto, é uma referência étnica e não expressiva do lugar de nascimento. Por decorrência, brasileiro é também uma referência étnica, ainda que, neste caso, coincida com o lugar de nascimento. Outros significados destes termos serão explicitados quando necessário.

vincial, publicaram em seu jornal que havia 500 *Mucker* armados na casa do casal Maurer, ele ordenou ao Chefe de Polícia a abertura, em maio de 1873, de um inquérito policial com a intenção de definir o que os *Mucker* estavam fazendo e qual o perigo real que ofereciam à comunidade. O discurso do perigo *Mucker* era uma constante, também, entre as autoridades locais, todas alemãs, e em abaixo-assinados encaminhados por *colonos*. A ocorrência de atentados, mortes e incêndios de propriedades entre os alemães, com iniciativas de lado a lado, um ano depois, fez as autoridades provinciais considerarem que havia ameaça à ordem pública e, era hora de uma intervenção definitiva do Estado. Trouxeram, então, grande parte do exército disponível em Porto Alegre (capital do RS) e parte do que guardava as fronteiras com o Uruguai para, junto com voluntários alemães, lutar contra os 150 *Mucker* entrincheirados na casa de sua líder, nos arredores do Município de São Leopoldo.⁴

Quero explorar aqui a dissonância entre a insistência dos alemães e a relutância das autoridades brasileiras. Aqueles, em discursos posteriores ao massacre dos *Mucker*, ainda acusavam estas de ter demorado muito, alegando que o perigo já existia há um ano. Se é verdade que a dissonância tinha como motivações explícitas um interesse político e uma sensibilidade jurídica diferenciados,⁵ as avaliações tão discrepantes do Chefe de Polícia e dos alemães partiam de um conhecimento diferenciado do significado de dissidências religiosas entre alemães. Para o Chefe de Polícia, os Maurer e seus seguidores não eram 500, não estavam armados, não fundavam uma nova doutrina já que sua pregação se apoiava na Bíblia (AIP) e eram mais um entre tantos fenômenos semelhantes de curandeirismo inspirado que grassavam pela Província, entre populações rurais. Mas os alemães sabiam o que temiam.

⁴ Esta casa estava localizada na encosta do Morro do Ferrabráz, onde hoje é o Município de Sapiranga (RS). À época era uma das franjas territoriais da ex-colônia alemã de S. Leopoldo.

⁵ Pastores luteranos, padres jesuítas e intelectuais imigrados da Alemanha alguns anos antes de 1870, tinham interesses políticos (*lato sensu*) na eliminação dos *Mucker*. As autoridades brasileiras pensavam que os *Mucker* eram um problema dos alemães e que a eles cabia resolvê-lo pacificamente. Os colonos alemães, habitantes da região, haviam desenvolvido um sistema jurídico informal próprio, com definições de *legal* e *ilegal*, que não condiziam com as definições do direito brasileiro (DICKIE, 1996:166).

II

Ao longo de inquéritos policiais e processos judiciais em que depuseram, os *colonos* explicitaram uma acusação aos Mucker que se fundamentava em quatro pontos. O primeiro, ter rompido com as igrejas instituídas (católica e luterana); o segundo, ter proibido seus filhos de freqüentar as escolas paroquiais; o terceiro, estar promovendo a ruptura de laços familiares ao afastar filhos dos pais e maridos de mulheres em nome da nova fé, sugerindo que o poder de sedução de Jacobina não era somente o da sedução dos espíritos; o quarto, ter definido um calendário do trabalho em função de obrigações rituais com Jacobina Maurer e retirando seu produto do mercado para sustentar as famílias e os hóspedes doentes na casa dos Maurer.

Estas acusações diziam, portanto, que os *Mucker* se organizavam num grupo fechado, regido por princípios e regras próprias e que isto era sinônimo de perigo.

As acusações motivaram a abertura do primeiro inquérito policial e nele são reiteradas. Jacobina, seu marido e alguns seguidores são chamados a depor neste inquérito. O teor destes depoimentos fez com que o Chefe de Polícia concluísse que os Maurer eram inofensivos e ignorantes e não ofereciam nenhum perigo ao Estado. Uma busca em suas casas e terrenos revelou que tinham as mesmas armas que todos os outros *colonos*. Como parte do inquérito, um exame médico diagnosticou Jacobina como uma sonâmbula perturbada pela leitura da Bíblia, o que veio a calhar. Dizendo a seus superiores que achava necessário proteger os líderes *Mucker* dos fortes sentimentos antagônicos dos *colonos*, o chefe de polícia decidiu pela remoção de Jacobina para a Santa Casa de Misericórdia, em Porto Alegre (onde sua “doença” poderia ser melhor observada), e a de Maurer para a prisão, por 45 dias, usando o expediente legal de que suas reuniões “perturbavam a ordem pública”. É interessante notar que os *colonos* se sentiram enganados pela ação da Polícia e foi a partir daí que começaram as críticas pela imprensa, católica e dos intelectuais, alertando o Estado para a necessidade de uma medida definitiva contra os *Mucker*, sob pena de conseqüências muito mais sérias.

A pergunta é, então, o que os *colonos* e outros alemães viam nas ações e discurso dos *Mucker* que não estava sendo visto pelo Chefe de Polícia e que motivou a dissonância entre suas avaliações? Para tentar respondê-la vou examinar o discurso *Mucker*, tanto o discurso *strictu sensu* do Inquérito, como aquele expresso por suas ações, e depois mostrar os elementos que permitem esclarecer o sentido de perigo que eles significou para os *colonos*. Quero mostrar que as referências desta avaliação foram as mesmas que instruíram os *Mucker* na sua opção por uma ordem alternativa: a tradição alemã das dissidências religiosas, sua força popular e política desde o século XVI, e, conseqüentemente, a secção profunda que poderiam ou pretendiam ocasionar na realização de projetos políticos e religiosos que estavam em curso na região colonial e aos quais os *colonos* estavam sensíveis.

III

Em seu depoimento, Jacobina conta que aos 26 anos tivera a revelação, pelo contato com o Espírito Santo. A experiência do contato, a que os *Mucker* chamaram de *inspiração* continuava a se repetir, independente de seu arbítrio, na forma de um êxtase. Em estado “insensível” pelo sono profundo, seu espírito se ausentava de seu corpo para ir buscar no Espírito, sabedoria.⁶ Ao retornar, a sabedoria era comunicada aos seus “amigos” através da leitura de passagens bíblicas e sua explicação. Insensível, Jacobina não tinha consciência do que se passava ao seu redor. Depois de voltar ao estado normal, não lembrava nada do que tinha acontecido ou do que tivesse dito. Seus seguidores, ao depor, descrevem o êxtase de Jacobina reconhecendo nele o extraordinário, o divino: “muito pálida que parecia morta, falando com uma voz desconhecida e estranha”; “apareceu de maneira singular e misteriosa que pareceu ser espírito” (em AIP).

Os remédios preparados por seu marido eram, para Jacobina, produtos também da inspiração e de poderes que ele tinha. O marido, temeroso de ser enquadrado legalmente como curandeiro, afirma que tem “ciência” e que está a procura de médicos que queiram vir testar seus métodos. Há fortes indícios

⁶ Na revelação, Jacobina, antes analfabeta, alega ter aprendido a ler letras impressas (AIP).

do caráter divino das curas, o mais importante deles sendo a própria trajetória dos adeptos que, doentes, tinham passado sem sucesso pela medicina tradicional e chegado aos Maurer em busca de alternativa. Nestes depoimentos, remédios e palavras aparecem como instrumentos complementares de uma mesma *inspiração*. Maurer era chamado de *Wunderdoktor - médico de milagres* na tradução do inquérito, *doutor maravilha* na de uma jesuíta alemão (AIP e SCHUPP, s/d.).

Os Maurer confirmam ter instruído seus adeptos a não mais freqüentarem as igrejas e a “riscar delas seus nomes” por que lá não se ensinava a verdadeira doutrina. As escolas não eram necessárias por enquanto, e deveriam ser reformuladas. Negaram a ruptura de famílias ou a imoralidade do comportamento de Jacobina e não foram indagados sobre o trabalho. Os adeptos, no entanto, fizeram uma revelação interessante: Maurer estaria programando para os próximos dias o início dos batismos, provavelmente, no próximo dia de pentecostes.

Os *Mucker*, com a *inspiração* de Jacobina, estavam redefinindo a vida e a vida redefinida estava sendo limitada ao interior de uma fronteira. Com ela e no seu espaço interno, os Maurer e seus seguidores parecem ter atualizado algumas características antinômicas dos movimentos reformadores radicais da Alemanha do século XVI e XVII, especialmente aquelas cujos significados se prendiam à esperança e à expectativa do milênio. Forjaram uma relação com o transcendente que era profundamente espiritual, ao mesmo tempo em que estava diretamente comprometida com os propósitos de Deus na história. De acordo com GEORGE, aqueles movimentos fundamentaram sua antinomia na orientação mística dos primeiros escritos de Lutero (GEORGE, 1989). O que parece ter fundamentado a antinomia dos *Mucker* é uma cultura bíblica no sentido forte que definiu VELHO (1988), ou seja, aquele sentido que atinge o nível das crenças e atitudes profundas. No caso de Jacobina e seus seguidores, a cultura bíblica contava ainda com a materialidade da Bíblia, objeto de manuseio cotidiano entre as famílias evangélicas imigradas. Entre os católicos não era desconhecida, especialmente, porque durante três décadas, não houve padres alemães que atendessem aos *colonos* e tanto protestantes quanto católicos organizaram serviços religiosos comunitários, com amplo intercâmbio de práticas tradicionais de lado

a lado. Assim, se é verdade o que avaliou o Chefe de Polícia, que os *Mucker* não inauguravam uma nova doutrina, é também verdade que fizeram uma atualização contextual da doutrina e da cultura bíblica, numa reelaboração simbólica de fácil compreensão para os alemães, condensada numa ressignificação da vida e da morte.

A primeira destas características diz respeito à definição e à ritualização do batismo. A única referência a batismos é a mencionada anteriormente. A forma genérica com que o depoimento foi dado, faz crer, que se referia ao batismo de todos os adeptos e não ao de crianças. O batismo, na tradição sectária protestante alemã foi um ponto de definição de linhas teológicas específicas, exatamente, porque, expressando o ingresso de um indivíduo numa comunidade de fiéis específica, englobava significados que diziam respeito tanto à natureza da relação com Deus quanto à condições de admissão do indivíduo na comunidade de fiéis. O caso do Anabaptismo é exemplar: o repúdio ao batismo infantil se deu sob as alegações de que era “coisa do diabo” (nesta época facilmente associado à hierarquia da Igreja Romana) e um instrumento de “conformidade social”. O batismo adulto era pensado como a decorrência adequada para os que tivessem aprendido o arrependimento, realizado a correção de seus erros e que estivessem prontos para o “renascimento” purificador (GEORGE, op. cit.: 345/6). Era, portanto, ato voluntário de compromisso em relação à nova comunidade.

O componente político da simbologia do batismo - o sentido de antinomia do “renascer” que era o de renascer, comprometido com o novo, faz pensar que não só este fosse o significado do batismo para o grupo dos Maurer como que fosse, também, um significado reconhecido pelos *colonos*. Assim, algo que passou como uma informação menor dentro do inquérito, para o Chefe de Polícia, pode ser avaliado pelos *colonos* pela importância que tinha como instrumento de quebra da ordem e de seus valores. Os seguidores dos Maurer seriam re-batizados, isto é, re-significariam sua vida, a partir de um ato inaugural definidor do ingresso numa nova comunidade de fiéis que renunciava ao passado e ao presente circundante concebido como impuros e condenáveis. A dimensão de tempo futuro estava sendo associado à vida presente, circunscrita à nova comunidade.

A força do renascimento operado pelo re-batismo pode ser a porta de entrada para entender algo que não consta do inquérito mas foi

amplamente conhecido logo em seguida e é a segunda característica: a recusa dos Maurer e seus seguidores, de enterrar seus mortos nos cemitérios oficiais - preferiam as roças ou o mesmo lugar onde a pessoa havia morrido - e a ausência de liturgias funerárias. Eles também se recusavam a pisar nos cemitérios oficiais, para grande indignação de seus acusadores (HUNSCHE, 1981). Em junho de 1873, o Pastor Hunsche (numa localidade próxima, de onde duas importantes e numerosas famílias *Mucker* eram originárias) registrou com espanto, em seu diário, a recusa de filhos e parentes de tomarem parte no funeral de um ancião de uma destas famílias (HUNSCHE, 1977:405). DOMINGUES (1978:108) encontrou registro de que outro membro desta família, morto em setembro de 1873, foi enterrado em sua roça, sem liturgia funerária. Em um processo judicial (PJM) há menção de ausência dos pais, adeptos dos Maurer, no enterro de uma filha, não adepta. Não só a vida tinha sido re-significada, mas também a morte.

“Morte depois da morte” é como GEORGE se refere à visão que os reformistas radicais tinham da morte e seu depois (1989:359). Ele relata que a ênfase num milênio terreno havia retirado da sua doutrina a vida depois da morte para realçar a importância da ressurreição, no fim dos tempos. Entre a morte e a ressurreição a alma ou dormia ou morria mesmo. Pensavam estar resgatando a escatologia cristã primordial, cujo motivo central era a ressurreição e não a imortalidade da alma. Enquanto a esperança milenarista colocava os radicais numa relação de responsabilidade temporal dentro deste mundo, a segunda vinda de Cristo era visualizada como o fim do tempo e a ressurreição dos mortos (GEORGE, 1989:358). GEORGE diz, ainda, que a ausência de cerimônias, liturgias ou qualquer espaço definido para o enterro de seus mortos, nas práticas destes radicais, estava relacionada à concepção de morte como morte, não como vida sensível após a morte. Não havendo vida depois da morte, a ausência de ritos não afetaria a salvação da alma que deveria esperar morta o anúncio celestial da nova vida. Era na *parusia*, como o “desfecho da história”, que se concentravam suas expectativas de ressurreição.

As poucas indicações que existem - muito poucas, talvez - sobre o novo mundo e o novo tempo dos Maurer e seus seguidores apontam para sua realização terrena e não celestial: as curas, as condições de salvação relacionadas a um comportamento específico, ambas definindo um percurso de transformação aqui mesmo,

assim como as afirmações atribuídas às mulheres presas depois dos ataques do Exército pelo Jornal A Reforma, “tranqüilas ao serem presas, diziam que todos seus mortos ressuscitariam”. Difícil afirmar, no entanto, que a ausência de rituais funerários e a recusa de enterrar seus mortos nos cemitérios estivessem vinculadas a esta concepção de “morte depois da morte”: a própria atitude diferenciada dos seguidores dos Maurer, uns acompanhando Jacobina no que sabiam ser a morte certa, antes do último ataque do exército, outros fugindo para o mato e lá permanecendo para não serem mortos, indica a existência de vários outros elementos, hoje indecifráveis, relativos à concepção de morte e, também, do valor estratégico dela ou da sobrevivência. Uma afirmação pode ser feita com maior segurança: a recusa de enterrar os mortos nos cemitérios oficiais, nos quais o ingresso dependia da sanção do padre ou do pastor, estava relacionada à “retirada das igrejas” e, portanto, relacionada com uma atitude anticlerical generalizada e radical.

O anticlericalismo talvez seja a indicação mais nítida da concepção *Mucker* de que o Cristianismo está ligado à experiência e ao âmbito do individual e do pessoal, às emoções e ao afeto. As seitas do século XVI davam relevo à relação com Deus como resultado de uma experiência mística reveladora e, conseqüentemente, regeneradora para o indivíduo (GEORGE, op. cit.: 336). O pietismo dos séculos seguintes focalizou a relação individual com Deus e deu a esta experiência o sentido de conversão e regeneração, privilegiando o renascimento como centro de sua doutrina. A “Igreja” passou a ser a associação dos regenerados; os conventículos eram as comunidades dos renascidos, grupos em que as relações face a face propiciavam a troca de experiências e a interpretação da Bíblia se constituía na atividade central. O elemento pessoal assumiu preponderância sobre o institucional; o voluntário sobre a compulsão; o presente sobre a tradição e os direitos dos leigos sobre os dos pastores (SCHMIDT, 1985:1899).

Falar destas características não é dizer que Jacobina repetiu o pietismo ou o radicalismo dos re-reformadores. Mas é mostrar que ela e seus seguidores, bem como os vizinhos seus inimigos, se inseriam numa tradição de dissidências religiosas e tinham disponíveis referências culturais significativas que lhes possibilitaram, no caso dos *Mucker*, reinterpretar o mundo em que viveram e, no caso dos

colonos, interpretar os *Mucker* como uma dissidência perigosa. Para ambos, bem como para os demais alemães - inclusive os imigrados que desenvolviam projetos políticos entre os habitantes do município de São Leopoldo - dissidência religiosa tinha também um *sentido forte*, referido ao seu potencial político. O nome *Mucker*, atribuído ao grupo por um pastor das redondezas e assimilado imediatamente pelos acusadores é indicativo seguro disto, pois desde o século XVI o nome havia sido usado, na Alemanha, para debochar dos pietistas. Seu significado, que alguns autores traduzem por "santarrão" ou "beato", é isto e mais, incluindo a desconfiança. *Mucker* é alguém com aparência de santo mas não confiável. (DOMINGUES, 1977 e BROCKHAUS, 1955). Disto o Chefe de Polícia não sabia.

Referências bibliográficas

- BROCKHAUS, Der Grosse. Tomo 8. Wiesbaden : F.A Brockhaus ed. 1955.
- DICKIE, M. A. S. *Afetos e circunstâncias - um estudo sobre os Mucker e seu tempo*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, USP, São Paulo, 1996.
- DOMINGUES, M. *A nova face dos Mucker*, Porto Alegre, s/ed., 1977.
- GEORGE, Timothy. The spirituality of radical reformation. In: RAIT, Jill (org). *Christian spirituality: high middle ages and reformation*. Londres : SCM Press Ltd. 1989.
- HUNSCH, C. H. *O pastor Heinrich Wilhem Hunsche e os começos da Igreja Evangélica no Sul do Brasil*. São Leopoldo : Ed. Rotermund, 1981.
- KEE, Howard Clark. *Medicine, miracle and magic in New Testament times*. Cambridge : Cambridge University Press, Inglaterra, 1990.
- SCHMIDT, Martin. Pietism. *Encyclopedia of the Lutheran Church*, v. 1. III. Minneapolis /Augsburg. 1965.
- SCHUPP, A. *Os Muckers - Episódio histórico extraído da vida contemporânea nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre : Ed. Selbach, s/d.
- VELHO, Otávio. O cativo e a besta-fera. In: *Religião e Sociedade*, 26. 1988.

Documentos de arquivos

- AIP - Autos do Inquérito Policial, 1873. Arquivo Histórico do R.S.
- PJM - Processo Policial contra J. J. Maurer, por quebra do Termo de Bem Viver. 1873. Arquivo Público do R.S.